



UNIVERSIDADE FEDERAL
DE ALAGOAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ESTADO DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LITERATURA

MADALENA FERREIRA DA SILVA

**VOZES NEGRAS FEMININAS NOS CONTOS *OLHOS D'ÁGUA*, DE CONCEIÇÃO
EVARISTO: ANÁLISE DE UMA ESCRITA DE TESTEMUNHO SOBRE VIOLÊNCIAS**

Maceió
2023

**VOZES NEGRAS FEMININAS NOS CONTOS *OLHOS D'ÁGUA*, DE CONCEIÇÃO
EVARISTO: ANÁLISE DE UMA ESCRITA DE TESTEMUNHO SOBRE VIOLÊNCIAS**

MADALENA FERREIRA DA SILVA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa, da Universidade Federal de Alagoas – como requisito de avaliação para obtenção do título de licenciado em Letras/Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Lígia dos Santos Ferreira

**Maceió
2023**

VOZES NEGRAS FEMININAS NOS CONTOS *OLHOS D'ÁGUA*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO: ANÁLISE DE UMA ESCRITA DE TESTEMUNHO SOBRE VIOLÊNCIAS*

Madalena Ferreira da Silva**
prof.madalena2020@gmail.com

Profa. Dra. Lígia dos Santos Ferreira***
ligia.ferreira@fale.ufal.br

Resumo: Este artigo pretende analisar as vozes das personagens femininas de “Olhos D’água”, “Maria”, “Duzu-Querença” do livro de contos *Olhos D’água* (2016), da autora Conceição Evaristo. O propósito é refletir, a partir do texto literário, sobre situações de violências física e social vivenciadas por essas personagens nesses três contos. Nessas narrativas, a trama se desenvolve apresentando realidades ficcionais nas quais as personagens são envolvidas em mundos de opressão e racismos, denunciados através das reações às provocações impostas por esses contextos ficcionais. Evaristo, explora uma escrita de testemunho ao evocar suas próprias memórias como uma mulher preta, nascida em uma comunidade periférica de Belo Horizonte, capital de Minas Gerais. E para a análise que pretendemos realizar, adotaremos autores/as como Ginzburg (2008), Oliveira (2018), Preto (2021) e Pinto-Bailey (2021).

Palavras-chave: Vozes negras femininas. Conceição Evaristo. Escritas de testemunho. Violências.

Introdução

A coletânea de 15 contos escrita por Conceição Evaristo, intitulada *Olhos d’água*, foi originalmente publicada na série *Cadernos Negros* (EVARISTO, 2018). De acordo com a apresentação do livro, os contos são ambientados nas favelas e nas ruas onde vivem a população mais pobre e vítima de violência urbana, o que compreendemos ser esta última consequência da primeira devido ao processo de miserabilidade sócio-histórica que o Brasil relegou à população negra desde o processo de tráfico dos/as africanos/as para exploração do trabalho e da vida escravizados. Os contos abordam os conflitos de mulheres negras e homens negros cujas vidas são estreitamente apoiadas na de outras mulheres.

Nos contos desse livro, a escolha narrativa de Conceição Evaristo delimita uma exposição de um posicionamento dentro de um campo social conflitante e, além disso, procura

* Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso do Letras-Português da Faculdade de Letras (FALE) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), semestre letivo 2022.1.

** Graduanda em Letras-Português pela FALE/UFAL.

*** Professora Associada do curso de Letras-Libras da FALE/UFAL.

se opor à tradição canônica e a qualquer forma de autoritarismo estatal, buscando obter uma ligação sem desvios com os direitos civis, em auxílio aos relatos dos precedentes, isto é, a autora traz uma espécie de “literatura de testemunho”, nos termos do autor Seligmann-Silva (2018). Essa categoria explica que o testemunho, comum na sociedade atual traz o olhar de quem sobrevive às violências e não sucumbiu a elas, falando sobre elas, vivificando e corporificando as experiências testemunhadas.

No espaço estético, é a partir da configuração de personagens em situações de conflitos com intuito de criticar a violência nas vozes daqueles que, historicamente, tiveram os seus direitos de fala usurpados (OLIVEIRA, 2018), além de trazer à memória os efeitos das ações perversas, agressivas, injustas, desrespeitosas, desumanas, de abandono, desamor, brutalidades que sofrem essas personagens e de resposta delas.

Em nossa análise, os contos “Olhos d’água”, “Duzu-Querença” e “Maria” possibilitaram a reflexão sobre esse real ficcionalizado e da ficção que se torna real a partir da relação entre a construção literária de personagens femininas e as vidas das mulheres negras na história urbana cotidiana brasileira.

Segundo a concepção de Ginzburg (2008), a escrita de testemunho reivindica uma geração da linguagem como campo afiliado ao trauma, em outros termos, a escrita de testemunho não se encaixa ao lugar desvelado, ao ócio ou ao comportamento recreador, mas ao contato com a aflição e seus elementos obscuros e desagradáveis, os quais são compreendidos nas narrações das trajetórias das personagens evaristianas.

De acordo com Oliveira (2018), nota-se dentro da escrita de testemunho por parte de alguns narradores, a dificuldade de narrar os acontecimentos diante das problemáticas vividas porque é necessário relembrar as situações, analisar a existência vivida e conceituar a estupefação dos fatos e sua perspectiva de fala. Diante disso, o silenciamento da nossa herança cultural afro-diaspórica no Brasil, por séculos, encontra respaldos estéticos, nos contos em análise, a partir das falas das personagens, configuração do espaço e tempo em que se transcorre a narração e do próprio tom narrativo. Segundo Oliveira (2018, p. 2-3):

A escrita de um sobrevivente ou até mesmo de uma testemunha que se solidariza com os fatos têm vínculo direto com a memória das vítimas e daqueles que não sobreviveram; por isso, o registro ficcional dessas histórias permeadas por violência e dor é uma forma tanto de dar tûmulo àqueles que não sobreviveram como também de não se esquecer do que aconteceu para que não se repita. Desse modo, o elemento estético oriundo das estratégias ficcionais que a escrita do testemunho pode aproveitar colabora para a construção de uma dimensão ética desses textos, e recursos literários passam a operar como uma forma de reforço do discurso testemunhal. (OLIVEIRA, 2018, p. 2-3).

A escrita de testemunho traz uma consciência mais reflexiva, mostra-nos novas possibilidades de entender a literatura afro-brasileira, que promove diversas conexões, principalmente uma mais direta com o sofrimento das personagens, por mais que seja repulsivo e obscuro, a fim de não mascarar a efetividade do racismo estrutural.

O real como testemunha da ficção

Nos contos “Olhos d’água”, “Duzu-Querença” e “Maria” prevalece o caráter testemunhal, tendo em vista que reedifica vivências de muitas mulheres negras moradoras de comunidades e locais periféricos, assim como a própria história da autora. Evaristo nasceu em 1946, e morava em uma favela de bairro em Belo Horizonte, Minas Gerais (MG). Apesar da pobreza da família, ela teve contato com a literatura desde criança porque sua mãe contava histórias e coletava livros e revistas para ela e seus irmãos (EVARISTO, 2018).

Como uma moradora da favela mineira como as outras pessoas, ainda assim, presenciou e testemunhou muitas situações alegres e tristes com as quais ia entendendo a diferença entre o real e a imaginação. Eram cenas com pessoas de carne e osso, as quais ela ressignificou em suas obras literárias, com a mediação da consciência e do inconsciente do que vivenciava naquele espaço sozinha, com quem era de lá ou com quem nunca foi de lá, mas intervia nas relações instituídas. Considerando Evaristo como escritora de testemunhos, Oliveira (2018) diz que

Sua escrita liga-se, portanto, às vivências do grupo de que faz parte e se torna uma articuladora de todas essas vozes, de modo que, a partir de suas histórias, podemos elaborar toda uma compreensão acerca das violências sofridas por essas pessoas tanto no passado quanto no presente. Ao apresentar relatos e situações que se repetem tantas vezes com o povo negro, Evaristo desconstrói ideias que muitas vezes são mantidas pela história oficial e se utiliza da estética, com sua manipulação da linguagem, para cumprir um papel ético de discutir a condição do negro na sociedade.

Essa junção de memória, escrita e denúncia existente nos contos de *Olhos d’água*, a partir da categoria de Seligmann-Silva (2018), pode ser considerada como uma escrita de testemunho, a qual é interpretada pela escritora como escrevivência. De acordo com ela, sua escrita tem como finalidade um lugar de autoafirmação de suas próprias especificidades, isto é, “sujeito – mulher – negra” gerando “a escrita de um corpo, de uma condição, de uma experiência negra no Brasil” (EVARISTO, 2007, p. 20). Declara, ainda, que a escrevivência “não pode ser lida como histórias para ‘ninar os da casa grande’ e sim para incomodá-los em seus sonos injustos” (EVARISTO, 2007, p. 21), isto é, é a escrita das vivências negras no Brasil.

Essa ideia de escrevivência é entendida pela autora como uma forma de resistir à opressão que sente a população das periferias brasileiras. É compreendida também como uma maneira de incomodar a classe opressora através do viés da denúncia das situações conflitantes das personagens criadas ficcionalmente em seus textos, principalmente as personagens negras.

Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua autoinscrição no interior do mundo. E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação. (EVARISTO, 2007, p. 20-21).

Oliveira (2018) aponta que, durante séculos, o corpo negro foi vítima das violências físicas e psicológicas, e teve bloqueios em seu espaço individual e coletivo pelo sistema escravocrata do passado. E é através da literatura afro-brasileira que se constitui um importante espaço de construção de narrativas de denúncia dessas formas de vidas negras invisibilizadas pela literatura eurocêntrica tida como universal. Ainda hoje, com o desenvolvimento dos estudos das relações étnico-raciais, motivadas pela Lei nº 10.639/2003, que obriga o ensino de cultura e história africana e afro-brasileira nas escolas tanto públicas quanto privadas. A escrita de Evaristo além de trazer a realidade sofrida por essa população, historicamente espoliada, denuncia esse aspecto escravagista de separação de classes oriunda de um passado explorador.

A autora, em artigo publicado em 2009, promove uma profunda reflexão sobre a questão da autoria negra que sofre discriminações ainda perpetuadas de vivências históricas de resistência a repressões sociais, partindo do argumento de que o texto não é consequência de uma geração espontânea.

Em síntese, quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvinculo de um ‘corpo mulher-negra em vivência’ e que por ser esse ‘o meu corpo, e não outro’, vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta. As experiências dos homens negros se assemelham muitíssimo às minhas, em muitas situações estão par a par, porém há um instante profundo, perceptível só para nós, negras e mulheres, para o qual nossos companheiros não atinam. (EVARISTO, 2009, p.18).

Deduzimos que Evaristo expõe através da literatura de testemunha as condições de vulnerabilidade e violência, vivida pelas personagens dos contos “Olhos d’água”, “Duzu-Querença” e “Maria”, esses testemunhos constroem caminhos de resistência para não se confundir com vitimismo.

Do mesmo modo, penso a nossa condição de mulheres negras em relação às mulheres brancas. Sim, há uma condição que nos une, a de gênero. Há, entretanto, uma outra condição para ambas, o pertencimento racial, que coloca

as mulheres brancas em um lugar de superioridade – às vezes, só simbolicamente, reconheço – frente às outras mulheres, não brancas. E desse lugar, muitas vezes, a mulher branca pode e pode se transformar em opressora, tanto quanto o homem branco. Historicamente, no Brasil, as experiências das mulheres negras se assemelham muito mais às experiências de mulheres indígenas. E então, volto a insistir: a sociedade que me cerca, com as perversidades do racismo e do sexismo que enfrento desde criança, somada ao pertencimento a uma determinada classe social, na qual nasci e cresci, e na qual ainda hoje vivem os meus familiares e a grande maioria negra, certamente influenciou e influencia em minha subjetividade (EVARISTO, 2009, p. 18).

Para Bispo e Lopes (2018), Evaristo consolida uma perspectiva feminina e afrodescendente em seu segmento de produção de escrita. Em concordância com Oliveira (2018), ela critica raciocínios que foram perpetuados pela literatura canônica, a qual apresenta figuras da pessoa negra pelo viés exótico, animalesco, de objeto e nunca sujeito. Preto (2021) afirma que o protagonismo feminino em Duarte (2013), é caracterizado com traços negativos, mulheres imorais e animalescas, em que cita a figura da personagem Bertoleza, do romance *O Cortiço* (1900), de Aluísio de Azevedo. A obra traz a estereotipização do feminino que:

[...] também se manifesta em representações como a da “mulata assanhada” dentre outras, que ressaltam a sensualidade e disponibilidade para o sexo casual e descompromissado. Para o autor, isso cria uma espécie de linha de continuidade entre as construções das personagens literárias e um imaginário social impregnado de preconceitos. (PRETO, 2021, p. 18).

O termo “mulata” serve para discutirmos sobre o uso de alguns termos linguísticos que não podem ser dessociados das terminologias colônias; a linguagem racista é atrelada ao vocabulário de linhagem animal. “Mulata” é utilizado da junção entre um cavalo e uma mula, este animal visto como corrompido e insignificante (PRETO, 2021).

Evaristo humaniza e valoriza suas personagens. Ao analisarmos a configuração da personagem Maria, uma mulher trabalhadora, que mesmo cansada e machucada, pois “A palma de uma de suas mãos doía. Tinha sofrido um corte, bem no meio, enquanto cortava o pernil para a patroa. Que coisa! Faca a laser corta até a vida!” (EVARISTO, 2016) não via a hora de chegar em casa e ver seus filhos.

A autora põe em questão a forma como se estabeleceu esse imaginário presente na construção do sujeito negro e afirma a importância de se construir uma textualidade negra, em que os personagens são caracterizados sem o objetivo de esconder sua identidade, apresentando a valorização de seus traços físicos, da cor de sua pele, da sua herança cultural africana – sem, contudo, escamotear a posição que o negro ocupa na sociedade brasileira. (OLIVEIRA, 2018, p. 4).

Em relação às características estabelecidas pela autora sobre a identidade negra e sem esconder suas vivências, está presente a discussão acerca da condição do negro no Brasil na

caracterização de todas as personagens (OLIVEIRA, 2018, p. 4). Fato que contribui para a afirmação da ancestralidade, cujo componente se diferencia de um discurso produzido durante anos e que carrega uma ideia negativa das vozes negras (OLIVEIRA, 2018, p. 4-5).

A autora traz, em suas histórias, as experiências vividas e que estão em torno da sua própria origem. No que tange às suas personagens femininas, Conceição Evaristo traça uma problematização que tem como foco unir passado e presente, refletindo aspectos que culminam “numa atitude de emancipação epistemológica e performática a partir de uma articulação entre ficção e história” (CÔRTEZ, 2018, p. 51).

As aflições da autora diante de como a população negra é constantemente representada na literatura como subalterna, hiperssexualizada e subalternizada, isenta de um protagonismo sócio-histórico que realmente mostrem suas histórias com todos os sentimentos e angústias. A autora traz esse protagonismo em seus textos.

Muito do que se lê nos contos de Evaristo em *Olhos d'água* se dá a partir das inquietações da autora em relação à identidade do negro na literatura, ao elo com sua ancestralidade, hereditariedade negra e questões sociais graves em que se encontra a população afro-brasileira – entre a pobreza, a violência urbana (sexual e de gênero, por exemplo) e seus dilemas existenciais. Destaca-se também a presença de muitas personagens femininas que buscam dar voz às mulheres negras e compartilham o seu sofrimento numa sociedade de exclusões como a nossa. (OLIVEIRA, 2018, p. 5).

Ainda conforme Oliveira (2018), Evaristo traz um destaque à criação de muitas personagens femininas que dão voz às mulheres negras, as quais compartilham suas frustrações, angústias e dores, ou seja, o livro intenta representar a realidade conflitante e sofrida de mulheres negras numa sociedade excludente atual. Para tanto, utiliza uma linguagem poética de tamanha plasticidade estética em cada um dos três contos.

Ao utilizar expressões que intensificam os sentidos do texto, Evaristo confere maior vivacidade aos pontos que pretende destacar, quando emprega metáforas, introduz um tom confidente na narrativa, emprega termos da oralidade ou se utiliza de expressões populares. Há uma preocupação estética ao buscar artifícios linguísticos que auxiliam a enunciação das formas mais populares, ligadas aos retratos de seus personagens. A presença da oralidade e dos novos arranjos sintáticos auxiliam, inclusive, na construção e legitimação do que a autora considera como literatura negra; desse modo, ao mesclar linguagem culta e sintaxe da língua falada, a contista também apresenta a fluidez que a palavra adquire em diversos ambientes e locais. (OLIVEIRA, 2018, p. 5).

A forma como a narradora descreve as personagens e os espaços ocupados por elas, os quais permeiam ao longo dos contos – seus trabalhos, suas moradias, as ruas – possibilitam uma noção visual elaborativa de como a trama irá se desdobrar. Ela tem uma escrita crítica que

transparece para o/a leitor/a as injustiças cometidas a um grupo marginalizado, com isso os recursos estilísticos ligados à própria ideia de literatura negra ou de literatura afro-brasileira enfatizam o discurso do testemunho (OLIVEIRA, 2018).

As personagens femininas negras de Evaristo buscam a ideia de identidade e uma necessidade de resgate histórico da própria ancestralidade. A autora procura uma realidade menos inventada e mais relacionada a sua, trazendo nuances de sua própria experiência como mulher negra e também de outras pessoas próximas a sua vivência. Procura trazer em seus escritos um jogo entre a realidade e a ficção sempre com um intuito crítico de promover incômodos e reflexões que dão um tom de denúncia sobre suas vivências e a de suas personagens: “[...] necessidade de reatar o elo com a ancestralidade, a hereditariedade e a busca pela identidade, representadas pela imagem dos olhos” (PONCE; GODOY, 2014, p. 163).

O conto “Olhos d’água” é escrito em primeira pessoa. Há uma narradora, uma mulher se lamuriando por não recordar da cor dos olhos da mãe. Faz menções ao orixá Oxum e aos descaminhos da memória (e do esquecimento).

A ficção como recortes do real – “Olhos d’água”, “Duzu-Querença” e “Maria”

Olhos D’água é o primeiro conto do livro e também o que o intitula, nele é frequente a questão da visão, a personagem não tem nome marcado, o conto mostra um questionamento que perturba a narradora-protagonista, pois traz a dúvida do porquê ela não saber a cor dos olhos de sua mãe. Essa dúvida surge em uma noite e persegue a personagem ao longo da trama, fazendo com que a personagem volte para sua cidade natal e encare de frente sua mãe e descubra qual é a cor dos olhos dela.

Ao longo do conto, a personagem evoca memórias de infância e, paulatinamente, vai adentrando nas lembranças de uma infância pobre e cercada de dificuldades, vivificadas a partir do lançamento dessa dúvida acerca da cor dos olhos de sua mãe. Com esse despertar sobre o passado, a narradora-protagonista descreve a figura materna de forma acolhedora, sempre protegendo e procurando amenizar as dificuldades da filha, em alguns momentos as histórias da mãe e da filha se juntam e mostram temas de dificuldades como a falta de alimento em casa. Situação vivenciada pela autora quando criança que se coaduna com a da narradora-protagonista.

Eu me lembrava também de algumas histórias da infância de minha mãe. Ela havia nascido em um lugar perdido no interior de Minas. Ali, as crianças andavam nuas até bem grandinhas. As meninas, assim que os seios

começavam a brotar, ganhavam roupas antes dos meninos. Às vezes, as histórias da infância de minha mãe confundiam-se com as de minha própria infância. Lembro-me de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse, ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento. (EVARISTO, 2016, p. 16).

No conto também dá ênfase às comparações imagéticas que a personagem fazia em relação aos olhos da mãe e às fortes chuvas que alagaram o barraco onde elas viviam, um exemplo metafórico a fim de trazer um contexto mais poético ao texto, uma característica comum da escrita de Evaristo.

A menção comparativa dos olhos da mãe da narradora também está presente no final do conto, quando a personagem compara os olhos de sua mãe aos rios abundantes e às correntezas, menção aos elementos da natureza.

Evaristo (2009) traz a alusão de uma nascente de água fluindo e move para o texto as imagens que a autora busca criar no imagético do/a leitor/a, procura trazer a ideia de transformação e também de renovação. No final do conto, a personagem encontra a sua mãe após o retorno às raízes e reencontra sua figura materna. A personagem tem a seguinte reflexão:

Vi só lágrimas e lágrimas. Entretanto, ela sorria feliz. Mas eram tantas lágrimas, que eu me perguntei se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face. E só então compreendi. Minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas. Por isso, prantos e prantos enfeitam o seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era da cor de olhos d'água. Águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de Mamãe Oxum. (EVARISTO, 2016, p. 18-19).

Ponce e Godoy (2012) mostram, de acordo com os estudos, que a narradora ao relembrar momentos com sua mãe, acaba emergindo nos elos que relacionam à hereditariedade e à ancestralidade.

A construção das personagens principais se dão por meio de três perspectivas, em outras palavras, são três olhares que se cruzam e constroem os seus perfis: o da narradora, o das próprias personagens e o das outras personagens.

Os espaços que servem como ambientação para os contos são preponderantes para o entendimento das condições das protagonistas e, conseqüentemente, os estereótipos que se associam a essas personagens, pois moravam “temendo que o nosso frágil barraco desabasse sobre nós”. “Sei que tudo me causava a sensação de que a nossa casa balançava ao vento”. (EVARISTO, 2016, p. 17).

Duzu e seus filhos moravam “espalhados pelos morros, pelas zonas e pela cidade”. Maria “se lembrou do passado” (EVARISTO, 2016, p. 17). “Do homem deitado com ela. Da

vida dos dois no barraco” (EVARISTO, 2016, p. 40). Os textos abordam o local “[...] onde se vivencia a condição subalterna de seus moradores” (SCHMIDT, 2013, p. 19).

Testemunhamos também o “temor” de uma mãe que “nos dias de fortes chuvas. Em cima da cama, agarrada” (EVARISTO, 2016, p. 17), na tentativa de proteger suas filhas, usa seus braços. Esse local, recorrente em muitos contos, é a favela (onde a maioria das personagens são descritas como negros), espaço que servirá como palco para as representações que serão levantadas por Conceição Evaristo (SOUZA, 2020, p. 144.)

Evaristo faz a escolha da favela como espaço para os seus contos, visto que faz uma ligação entre a ficção e as vivências das pessoas negras, assim como a realidade da infância periférica da autora, em Belo Horizonte-MG. As personagens são protagonistas de suas vidas e também dos problemas sociais que as permeiam ao longo de cada conto.

No conto *Olhos d'água*, *Duzu-Querença* e *Maria*, podemos compreender que a literatura evaristiana é uma ficção de denúncia de mulheres sofridas e abusadas por segregações sócio-raciais históricas, as quais constituíram as relações opressoras nos âmbitos socioeconômicos, culturais, morais e psicológicos em nosso país até os dias atuais. A violência está sempre presente nos contos, seja física ou verbal. O trágico vira rotina na vida de Duzu, ela habitua-se “às pancadas dos cafetões, aos mandos e desmandos das cafetinas. Com isso vêm à tona a violência sofrida por Duzu, desde seus serviços domésticos oferecidos em troca de um lar e comida, à miséria de uma morte (des)assistida pelas instituições. Enquanto Maria, após mais um dia de trabalho, retorna para casa de ônibus, como de costume. Desta vez será vítima de um linchamento cometido pelos passageiros do coletivo. Maria é acusada de ser cúmplice dos homens que assaltaram o ônibus. Então, os outros passageiros se dirigem a ela de forma agressiva e racista; “Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois”, e continuam insistindo “Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões.”, “Olha só, a negra ainda é atrevida” (Evaristo, 2018, p. 41; 42).

Preto (2021) aborda sobre a violência do racismo em contos femininos, ela fala que o foco do seu

[...] trabalho é observar como a violência do racismo se apresenta nas narrativas. Entretanto, é pertinente salientar que a violência do racismo, assim como as demais, geralmente não se apresenta de forma isolada, constantemente nos contos, ela virá seguida da violência emocional, moral, física, sexual e simbólica [...]. (PRETO, 2021, p. 40).

Em seu artigo, a autora analisa onze coletâneas MM, na qual consegue identificar a temática da violência de forma explícita em nove. Penso que nesse contexto, a literatura vai

além da função estética, atingindo a função social e ética. Em *Olhos d'água, Duzu-Querença e Maria*, valores humanos essenciais como direito à vida, ao respeito, à solidariedade, parecem ruir. Esses contos mostram a vida sofrida e cheia de nuances dessas mulheres marginalizadas pela sociedade. Nos três contos, observamos protagonistas que conhecem os embaraços de “ludibriar a dor” (EVARISTO, 2016, p. 35), o modo de “reinventar a vida, encontrar novos caminhos” (EVARISTO, 2016, p. 36), bem como “dar conta de minhas próprias dificuldades” (EVARISTO, 2016, p. 16). Independentemente do desfecho de suas histórias, de suas dificuldades, oferece-nos uma visão particular de si, de sua comunidade, a realidade da mulher negra. De dores que não poderão ser representadas ou experimentadas por mulheres.

Na narrativa de Conceição Evaristo, identificam-se fragmentos do cotidiano, que rastreiam e tecem fios do passado que culminam por assinalar a condição da mulher negra, estabelecendo a identidade, historicamente perdida com o passado escravocrata. A memória configura, nesse âmbito, uma trajetória de retorno ao útero. Isso se evidencia no questionamento sobre a cor dos olhos da mãe, no conto “Olhos d'água”, e no retorno à cidade natal, à casa da mãe no interior de Minas Gerais. A própria dimensão “líquida” dos olhos maternos, apontam para o líquido amniótico. (ARAUJO; VIEIRA JÚNIOR, 2020, p. 80).

As narrativas são ligadas a personagens com histórias de mulheres moradoras de comunidades periféricas, são histórias de sofrimento e abandonos, são histórias sem romantismos ou para embalar os sonhos dos/as da Casa Grande, como a própria autora diz em suas entrevistas. São mulheres historicamente violentadas, que sofrem apagamentos sociais. O tempo todo as narradoras nos conduzem através de seus olhos, para que possamos testemunhar “a água solitária que fervia na panela cheia de fome” (EVARISTO, 2016, p. 16), os olhos de Duzu “no fundo da lata, encontrando apenas o espaço vazio” (EVARISTO, 2016, p. 31), Maria que “levava para casa os restos” e “O osso, a patroa ia jogar fora” (EVARISTO, 2016, p. 39). O “temor” de uma mãe que “nos dias de fortes chuvas. Em cima da cama, agarrada” (EVARISTO, 2016, p. 17), na tentativa de proteger suas filhas, usa seus braços. Podemos evidenciar à história da mendiga Duzu, ainda menina fora trazida para cidade com a promessa de que “podia trabalhar e estudar.” (EVARISTO, 2016, p. 32), rumo à perda de sua infância e inocência, pois a jovem passa a ter atribuições domésticas numa “casa grande de muitos quartos” (EVARISTO, 2016, p. 32). A violência sofrida por Duzu, desde seus serviços domésticos oferecidos em troca de um lar e comida, à miséria de uma morte (des)assistida pelas instituições. Assim como as mulheres que conhecera, ela carregou “à morte como uma forma de vida” (EVARISTO, 2016, p. 34). Habitou-se à morte como uma forma de vida”

(EVARISTO, 2016, p. 34). Mas a dor que sentira ao perder seu neto Tático a leva ao delírio como fuga da realidade que agora não consegue mais suportar.

De fato, a ênfase das narrativas em *Olhos d'água* incide notoriamente sobre a valorização de personagens femininos afrodescendentes, que encabeçam os enredos por meio da incisão aplicada pela escritora sobre o circunstancial do cotidiano insalubre dessas mulheres — sempre às voltas com episódios de uma realidade urbana violenta, discriminatória, preconceituosa, opressora e miserável (LOURENÇO, 2018, p. 3912-3913).

Percebe-se também que a narrativa é sempre um retorno a algo, uma volta histórica que nunca acaba e sempre se herda. O passado escravocrata do país, estuprando mulheres negras, abusando-as, explorando-as, violentando-as, de modo a criar um imaginário em que não houve reação a toda a violência vivenciada por séculos no Brasil, assim, a literatura, muitas vezes, reproduziu esses estereótipos.

A escrita de Evaristo mostra essa violência com o intuito de a própria mulher negra e periférica contar suas dores e anseios de uma sociedade ainda desigual. Esse retorno às raízes é um “refazer o caminho” a partir da ótica da personagem negra, a qual não é silenciada, mas tem sua voz em destaque. O sofrimento de memórias e acontecimentos traumáticos vividos pelas personagens, a autora fala de personagens sofridas e acostumadas a essa realidade. Nossa terceira personagem “Maria”, nome que dá título ao próprio conto é uma mulher negra que protagoniza a violência cotidiana sofrida por tantas outras iguais a ela, reforça sua condição de marginalidade, vulnerabilidade por sua classe social e econômica.

Assim, a cada conto de “Olhos d'água”, o leitor retoma o convite para se articular com formas de viver, sobreviver, pensar e morrer numa sociedade que machuca, massacra e convida, de forma recorrente, tais mulheres negras a desistir dos sonhos, a interromper a caminhada, a violar vidas e a se entregar ao *status quo* — e, para além disso, a tomar consciência da sua importância, do seu fazer inerente à história e do seu papel na configuração da identidade brasileira. (LOURENÇO, 2018, p. 3914).

Os contos da autora são escritos de testemunho de um Brasil que ainda abarca contextos desumanos de agressividade para com a população negra. Esses escritos mostram memórias e momentos que abarcam uma sociedade que ainda silencia a história de seu povo. Histórias que servem como testemunhos a despeito da crueldade social, física, psicológica e das mazelas que incidem sobre as personagens femininas negras. Essas histórias que outrora foram silenciadas, ganham voz e força. Vítimas das atrocidades da fome, miséria e preconceito, ao mesmo tempo que testemunhas da:

[...] dignidade ultrajada, mesmo que matassem os seus, mesmo com a fome cantando no estômago de todos, com o frio rachando a pele de muitos, com a

doença comendo o corpo, com o desespero diante daquele viver-morrer, por maior que fosse a dor, era proibido o sofrer. (EVARISTO, 2016, p. 34).

A autora retrata a dureza, desigualdade e violência que nossas protagonistas passaram. Segundo Pinto-Bailey (2021), atualmente existe um vasto *corpus* teórico que muitos críticos chamam de literatura dos direitos humanos. É usado como base teórica poesia, prosa de ficção, dramaturgia e outros. A literatura testemunhal, e os direitos humanos possibilitarão questionamentos e uma indagação mais ampla sobre o papel da literatura de ficção em um contexto de conflito social e político. Somando a isso, mais recentemente começaram a refletir sobre a situação da pessoa negra na diáspora africana como uma questão de direitos humanos, e é por esse viés que vem o interesse em examinar as narrativas de *Olhos d'água*.

Os contos de Evaristo compartilham com a literatura dos direitos humanos elementos de denúncia, resistência e esperança, colocando-se em contraposição à cumplicidade da sociedade hegemônica, que permanece calada – seja por medo, indiferença ou ideologia – diante de uma situação de crise, qual seja, de violação dos direitos humanos dos afro-brasileiros. Os contos de *Olhos d'água* podem ser entendidos como literatura testemunhal ao unirem a memória ancestral afro-brasileira a micro-histórias, isto é, histórias pessoais cuja perspectiva particular incide sobre a história nacional. (PINTO-BAILEY, 2021, p. 10).

De acordo com Lourenço (2018), Evaristo cita a existência de uma escrita tradicional literária e dos discursos hegemônicos oficiais ao resignificar e, ao mesmo tempo, problematizar os textos afro-brasileiros aparentes na historiografia literária.

Assim, ao estetizar, sem vacilo nas mãos, o lugar “não lugar” da mulher afro-brasileira socialmente marginalizada nas narrativas de ficção e fomentar a constituição e o reconhecimento de uma nova — ou de uma outra — poética literária marginal nacional, o interesse artístico de Conceição Evaristo parece também residir na possibilidade de tocar a história e/ou renunciar à própria história para reescrevê-la, mimeticamente, no espaço literário na perspectiva daqueles que, antes dela, com ela e como ela, buscaram reafirmar o seu lugar social — dentro e fora da arte — para “re-essencializa-lo”. (LOURENÇO, 2018, p. 3915).

A autora busca trazer em seus contos uma reafirmação de ser uma mulher negra periférica, com todos os seus anseios e frustrações, traz uma literatura de vivências e também de testemunho de outras mulheres que viveram antes dela e sofreram repressões por serem negras.

A intenção da autora em realizar uma escrita testemunhal solidária em relação às pessoas que tanto sofreram e sofrem com as condições de vida a que foram submetidas. Para isso, incorpora-se à sua escrita a responsabilidade social diante do passado, do presente e do futuro, visto que tensiona as reflexões sobre o que ocorreu e ocorre com o grupo para que a violência não se repita,

não se perpetue. Além disso, a tessitura de uma identidade negra, construída pela autora no modo como falam e agem seus personagens, é afirmativa em *Olhos d'água*, reiterando que a autora está atenta ao sofrimento de seu povo e busca através da literatura dar voz a estas vozes que foram em tantos momentos silenciadas. (OLIVEIRA, 2018, p. 8-9).

Em concordância com Pinto-Bailey (2021), as personagens do livro de contos estão em um lugar de exclusão, sendo assim:

Em *Olhos d'água*, Evaristo volta-se principalmente para a vivência das mulheres negras em sua “dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada” (EVARISTO, 2005, p. 205). Quase todas as protagonistas do volume, porém, são marginalizadas também devido a seu *status* econômico, o que faz desses relatos uma clara representação da tripla discriminação de gênero, econômica e étnicoracial (sic). (PINTO-BAILEY, 2021, p. 12).

Isso se percebe no sentido da própria escritora, ou seja, ainda de acordo com Pinto-Bailey (2020), Evaristo estabelece de forma evidente a sua identificação com as personagens, compartilhando com elas essas austeridades.

Estes contos aliam-se à proposta de resistência e afirmação identitária negra ou afro-brasileira constante na obra de Evaristo. Enquanto o legado escravocrata que persiste na sociedade brasileira promove o aniquilamento do corpo negro – já seja através da invisibilidade que amordaça e humilha, já seja através da violência física e o extermínio sistemático – a autora dá testemunho desse mesmo corpo discriminado, amordaçado, humilhado e violado, mas ao mesmo tempo sujeito que relembra, sonha, resiste e luta. (PINTO-BAILEY, 2021, p.13).

Souza e Coronel (2021) dizem que resistência pela escrita é um aspecto da escrevivência, asserção da autora de *Olhos d'água*. Evaristo representa em “Olhos d'água”, “Duzu-Querença” e “Maria”, o olhar de alguém legitimado, a partir do seu lugar de fala de mulher negra periférica, ao ficcionalizar essas histórias. Ainda que ficcional, a terceira narrativa acaba de forma brutal “Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos”, “Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher estava todo dilacerado, todo pisoteado” (EVARISTO, 2016, p. 42). Ao final, resta apenas o corpo da mulher imóvel, situação que emana pela personagem o sentimento de espanto, solidão e desamparo. Mesmo que as narrativas sejam breves, encontramos uma impulsividade imprevisível e descontrolada, elas são um convite ao exercício das mais variadas reflexões para os leitores. Sobre a cena de linchamento, Pinto-Bailey (2021, p. 14-15) faz alusão à condenação de pessoas negras e pobres pela mídia, provocando espetáculos de horror, assim como acontece no conto:

Podemos imaginar aqui uma cena comum banalizada pela imprensa: o corpo morto de uma mulher negra e pobre e ninguém para velá-lo ou exigir justiça

para ela. Entretanto, a voz narrativa convoca-nos a ser testemunhas comprometidas com a personagem, ao aportar à cena um tom distinto, ausente ele do retrato supostamente objetivo que a televisão apresenta ou do espetáculo imediatista oferecido pela mídia social.

Não houve tempo para o diálogo, para respeito, nem para reflexão, a decisão de fazer justiça com as próprias mãos foi tomada com base em uma simples suspeita. A verdade não era importante, privilegiou-se o parecer e não o ser. Com isso, Evaristo usa a sua escrita a serviço das discussões sobre racismo e violência contra a mulher negra.

Esse é o tom que caracteriza o contar de histórias, a nota afetiva que envolve narrador/a, personagem, texto e audiência. Portanto, através de sua escrevivência e de um estilo narrativo que reúne precisão e poeticidade, Evaristo estabelece entre cada participante do processo narrativo uma relação de afeto e até mesmo de identificação. Assim, fica caracterizado mais uma vez o aspecto testemunhal do conto, pois tal como no testimonio [testemunho], “Maria” não permite a passividade do público leitor, mas sim exige dele uma reação e uma posição de juízo frente à situação de conflito narrada. (PINTO-BAILEY, 2021, p. 15).

Somos atingidos diretamente pelos contos, não há neutralidade. Como testemunhas, precisamos nos posicionar, pois a morte de Maria tem origem de uma injustiça. As outras personagens também são vítimas das injustiças sociais, raciais. São desassistidas e esquecidas pelo poder público, como resposta a um projeto de racismo estrutural e institucional, assim como Almeida (2019) discute e desenvolve reflexões.

Considerações finais

A recuperação da memória coletiva do trauma através da própria autora e as histórias ouvidas e vistas por ela são ressignificadas através das personagens dos três contos escolhidos “Olhos d’água”, “Maria” e “Duzu-Querença” do livro de contos de Conceição Evaristo, intitulado *Olhos d’água*, obra marcada por uma escrita de testemunho acerca das mazelas sociais, psicológicas e institucionais que vivem as pessoas negras no Brasil. Ao abordar essas questões ficcionalmente, as narrativas apresentam diversas personagens, ambientadas e espaços distintos.

Desse modo, a filha mais velha cuja cor dos olhos da mãe lhe era desconhecida até o retorno as suas origens, Duzu-Querença e Maria, como mulheres, demonstram o quanto o percurso negro é repleto de conflitos socioeconômicos que as impossibilitam de viverem livres, terem o conforto e a condições necessárias de vida. Tais narrativas refletem a resistência dessas

vidas, ao mostrar as consequências violentas de uma sociedade com apagamentos históricos de mulheres negras até os dias atuais.

ALMEDA, Sílvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ARAÚJO, Roselene Cardoso; VIERIA JÚNIOR, Paulo Antônio. O lugar de fala da mulher negra em *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo. **Revista Trama**, v. 16, n. 38, p. 75-88, 2020.

BISPO, Ella Ferreira; LOPES, Sebastião Alves Teixeira. Escrivência: perspectivas femininas e afrodescendentes na poética de Conceição Evaristo. **Revista Língua & Literatura**, v. 35, n. 20, p. 186-201, jan./jun. 2018.

CORTÊS, Cristiane. Diálogos sobre escrivência e silêncio. In: DUARTE, Constância Lima; CORTÊS, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário A. **Escrivências: identidade gênero e violência na obra de Conceição Evaristo**. Belo Horizonte: Idea, 2018. p. 51-60.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas; Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **Scripta**, v. 13, n. 25, p.17-31, 2009.

EVARISTO, Conceição. Da grafia – desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marco Antônio (Org). **Representação performática brasileira: teorias, práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte: Mazza, 2007.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

GINZBURG, Jaime. Linguagem e trauma na escrita do testemunho. **Conexões Letras**, v. 3, n. 3, p 1-6, 2008.

LOURENÇO, Camila Morgana. O lugar “não lugar” da mulher Afro-brasileira na poética de Conceição Evaristo: uma leitura de “Olhos d'água”. **Circulação, tramas e sentidos na literatura**, p. 3910-3916, julho/setembro 2018.

OLIVEIRA, Marcela de Paula. Questões de literatura negra e testemunho em *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/cnafricab/article/view/21868>. Acesso em: 06 jul. 2022.

PINTO- BAILEY, Cristina Ferreira. Escrivência, testemunho e direitos humanos em *Olhos d'água* de Conceição Evaristo. **Literatura Comparada**, ABRALIC, 2021.

PONCE, Eduardo de Souza; GODOY, Maria Carolina de. Ancestralidade e identidade em *Olhos d'água* de Conceição Evaristo. VIII Colóquio de estudos literários, **Anais...** Londrina, 06 a 08 de agosto de 2014, p. 163-170, 2014.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Testemunho e a política da memória: o tempo depois das catástrofes. **Proj. História**, São Paulo, n. 30, p. 71-98, jun. 2005.

SOUZA, Ariel Leite de; CORONEL, Luciana Paiva. Resistência através da escrita do testemunho em Becos de memória, de Conceição Evaristo. **Senacorporus**. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/ebooks/senacorporus/2018/TRABALHO_EV103_MD1_SA19_ID444_15032018164800.pdf.